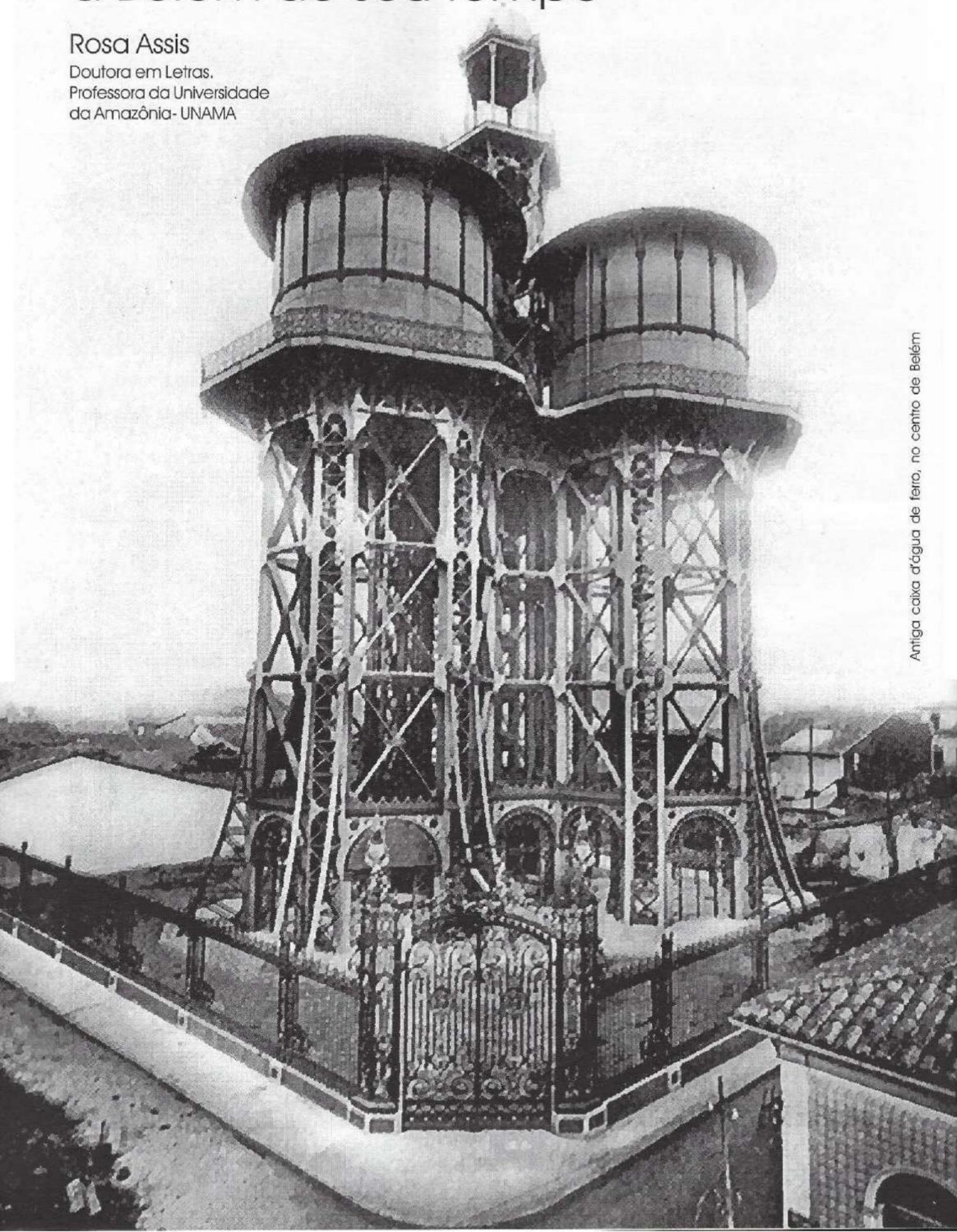


Vinte anos depois, Dalcídio "volta" à Belém de seu tempo

Rosa Assis

Doutora em Letras,
Professora da Universidade
da Amazônia- UNAMA



Antiga caixa d'água de ferro, no centro de Belém

Vamos passear com Dalcídio na Belém de seu tempo nos reportando não só à vida social documentada em cinco de seus romances, mas também aos depoimentos vivos dados por ele, em sua vasta correspondência com Maria de Belém Menezes.

Evidentemente que não poderemos explorar os quatro cantos da cidade, mas destacar alguns pontos que bem caracterizarão a dalcidiana Belém de ontem.

O transporte, como se lembra, era o bonde - duas linhas - o circular interno e o circular externo, que tinham pontos comuns de partida - o Ver-o-Peso; pontos divergentes nas chegadas, embora percorressem quase os mesmos caminhos, em sentidos inversos. O bonde, por si só, já era um passeio, um tranqüilo passeio. Andar de bonde era uma diversão, em especial porque dele se tinha a cidade nas palmas das mãos, e no coração. As mocinhas aguardavam, suspirando nas janelas, apoiadas em suas almofadas, o bonde passar. Nele podia estar o "príncipe encantado". Era muito romântico apreciar, vistos do bonde, aqueles rostos quase infantis, em que pó de arroz, tirado da pucarina, e o carmim realçavam-lhes o brilho da juventude.

Os rapazes, que saíam no bonde, se vestiam, se arrumavam, não esqueciam de botar o chapéu de palha ou de feltro e calçar seus sapatos em neve, pelo milagre do alvaiade. O ambiente nas ruas, tanto do centro como da periferia, era de festa, de alegria, de descontração - não havia o stress do mundo moderno - havia, sim, a época dos cavalheiros, a época do *com licença*, do *multo agradecido* e do *me dê a sua bênção*.

Muitas vezes o silêncio das ruas era quebrado pelos pregões que anunciavam, dentre outras frutas, a pupunha, o bacuri, o cupuaçu; outras vezes, pelas vozes infantis, que, em coro, cantavam cantigas de roda, como *das filhas de minha mãe eu sou a mais estimada*, (*Chão dos Lobos* - 35), *se esta rua fosse minha eu mandava ladrilhar* (*Passagem dos Inocentes* - 110) ou ainda em risos, anunciando a adolescência, brincavam de *tome esse anelzinho e não diga nada a ninguém*. (*Passagem dos Inocentes* - 80)

Tanto os pregões como as cantigas infantis ecoam das profundezas das páginas dos romances e das cartas, de Dalcídio, como se fossem folhas secas de nossos túneis de mangueiras evocando a vida antiga da cidade. *Que tarde de domingo gentil foi essa em que se lembrou de mim mandando-me recortes vivos do nosso Pará! Pupunha, por exemplo, vejo os tabuleiros gordos, dourados... vermelhos, suando na cabeça dos meninos. Então pupunha não tem mais na rua?* (Carta a Maria de Belém - 6/5/74). *Não sei como agradecer tanta atenção que me embarça. O cupuaçu está sublime.*

Doce de casa traz sabor da província, uma Belém outrora passada em nostalgia. O pacote da marapuama é um acréscimo de magia. (Idem - 22/2/75)

Falar em domingo é também falar em passeios, digamos, rotineiros: a ida ao Museu, ao Bosque e ainda mais tirar retrato depois da Missa de Nazaré, com seu melhor vestido e seu melhor calçado. Eram uma tradição esses passeios. O domingo era esperado ansiosamente, e o curioso é que parecia que ele se renovava a cada semana, como se novos brinquedos entrassem pelas portões trabalhados do Bosque ou outros bichos chegassem em nosso Museu. Não era nada disso, era a alegria de passear, encontrar amigos, brincar, brincar mesmo, como as crianças faziam com o *papai-mamãe àquela época: Lá vai ele pro museu, lá vai elezinho pro Bosque, lá vaizinho pros cavalinhos do largo de Nazaré, lá vai tirando dinheiro do bolso para comprar um papai-mamãe ...* (*Passagem dos Inocentes* - 165)

A juventude dispõe do seu lugar no quadro social da Belém de Dalcídio Jurandir, ocupando espaços no mundo da escola, uma forte marca da sociabilidade da época. Era importante ser normalista, estudar na Escola Normal ser ginásiano, do Ginásio Paes de Carvalho, ou ser da Escola Prática do Comércio ou da Fênix Caixaerial Paraense. *Só porque não pude depois meter ela na Escola Normal ou na Fênix, lá está mea filha na língua dos outros.* (*Três casas e um rio* - 305)

O uniforme, já era o orgulho. Todos aspiravam entrar para esses colégios. Mas ao lado desses grandes colégios, havia as pequenas-grandes escolas - eram as escolas particulares, tão boas quanto os colégios, tão respeitadas e sérias quanto aqueles. Era verdade! Havia o rigor na cobrança, e a palmatória sempre estava lá. Atemorizava! Era a pedagogia da época.

Ao lado do ensino das primeiras letras estava a iniciação à música, isso no meio das famílias ricas de Belém. Novamente aparecem, não as escolas particulares, mas as professoras, não as palmatórias, mas o diapasão.

Aulas de piano fatalmente remetem a um outro cenário de nossa cidade, a dos robustos portugueses, trajando calça de listra alfacinha, sapato esporte marrom, sem meias, chapéu de feltro ou de massa, em cujo interior ficava a rodilha. Em Belém, eram os carregadores (à essa época ainda não tínhamos o serviço de transporte). Eram eles os transportadores de móveis pesados. Em especial, chamava a atenção o carregar leve do piano, e os trajes bem característicos daqueles homens de além-mar: *Por falar em rei, e o piano, o piano das Alcântaras? Alfredo tem consigo ainda o silêncio do piano na Gentil, no ombro dos portugueses, em Nazaré, na calçada sob a chuva, o silêncio dele tão bem soava que nem tocando.* (*Passagem dos Inocentes* - 106)



Voltemos ao panorama da cidade. Aprecia-la da janela do bonde, passar sob os belos túneis de mangueiras, voltar a vista para as chácaras do tempo de Antônio Lemos, para as *rocinhas*, ver o subúrbio em festa, ou namorar as belas casas da Estrada de Nazaré, do Largo da Pólvora. Tudo isso já era um passeio. Imaginava-se até mesmo o que havia no interior daquelas casas. Não tardou a frase: *olhe lá!* Era uma constante na boca das pessoas, traduzindo a alegria em ver o belo, o delicado, o fino. *Sim, na estrada de Nazaré, entre a Benjamin Constant e quase-quase à esquina da dr. Moraes, já para desembocar no Largo da Pólvora; meu Deus, pertinho do Olímpia, do terraço do Grande Hotel, da melhor farmácia, dos passeios em torno da estátua da República, da Assembléia e do Teatro da Paz. Cruzando a dr. Moraes, estava-se num quartelão de "olhe lá": o Palecete Faciola, com seus claros azulejos...* (Belém do Grão Pará - 150)

Falar em azulejo, lembramos que as fachadas das casas eram quase todas revestidas de azulejos, os mais belos e variados, que davam às ruas um colorido especial. Era tão comum a meninada correr os dedos pelos azulejos e sentir o relevo dos desenhos, ou mesmo sentir o dedo pular, a mão tremer, e escorregar como se explorasse o que parecia, aos olhos infantis, um painel gigantesco. Ao lado dessa beleza, havia o adorno das portas, principalmente representado pela famosa "mãozinha" de ferro que fazia blabláblá, servindo de campainha. Não é sem

razão que um dia Dalcídio se entristeceu quando soube, por Maria de Belém, que derrubaram certos sobrados azulejados que havia na velha cidade. *Feliz com a sua carta e os recortes. Triste, tristão, ao saber que meus sobrados de azulejo roxo se acabaram. É a minha Belém que morre. O menino do romance evoca numa página a figura dos quatro sobrados agora encantados. É um bota-abaixo cruel e implacável.* (Carta a Maria de Belém 6/5/74).

Esses azulejos fizeram parte da vida do menino Dalcídio e mais do menino Alfredo, (personagem central de seus romances), como o próprio Dalcídio já afirmara. A capa do romance *Belém do Grão Pará* mostra, nitidamente, esses sobrados com seus azulejos roxos. *E foi uma comprida admiração quando viu onde morava a irmã de Jovelina e Balbina, estas umas tão pobrinhas na sua palhoça de barro caindo, no fim da rua das Palhas. Pois num sobrado da Quintino, ela morava, que são as coisas!*

Era um daqueles quatro, de azulejos roxos, ensombrados de mangueiras na esquina da Conselheiro. (Belém do Grão Pará - 78)

Nas manhãs e no final das tardes se ouvia o trotar dos cavalos, puxando as carrocinhas de leite, com o leiteiro à frente, tocando a sua campainha, para avisar que passava. Uma das mais famosas vacarias de Belém, era a vacaria Aurora, que ficava mais ou menos defronte da sede da LBA, próximo ao largo de Nazaré, no coração da cidade, da gente rica. Mais tarde teve que se deslocar para a periferia.

Uma semana depois, esmeralda fugia com um soldado do 26 B.C. Seu Agostinho continuava a entrar na rua, vindo da Generalíssimo, o cavalo, a carroça, a campainha: A Vacaria Aurora acabando de distribuir o leite. (Belém do Grão Pará -101)

A cidade era sempre muito tranqüila e alegre, tudo era festa, até mesmo quando o "violino" passava (apelido, à época, do carro de polícia, nome ligado ao som da sirene). *Olhem que eu vou ao Necrotério da Santa Casa, que está aberto, tem defunto e onde tem telefone, e chamo o "violino" que recambiará vocês.* (Passagem dos Inocentes -189). O violino era geralmente chamado para acabar com pequenas confusões, criadas, na maioria das vezes, nos serenos das festas, na porta dos Clubes, como Assembléia Paraense, Pará-Clube ou na porta do Teatro da Paz. Da mesma sorte que ficavam serenando as festas, faziam as suas serenatas ou seratas, como prefere muitas vezes chamar Dalcídio, às suas amadas, embaixo das janelas, tudo revestido de muito romantismo, quer nos cantos quer nos trajés. - *Mas, seu Nicanor, serenata é desordem?* (Passagem dos Inocentes -183)

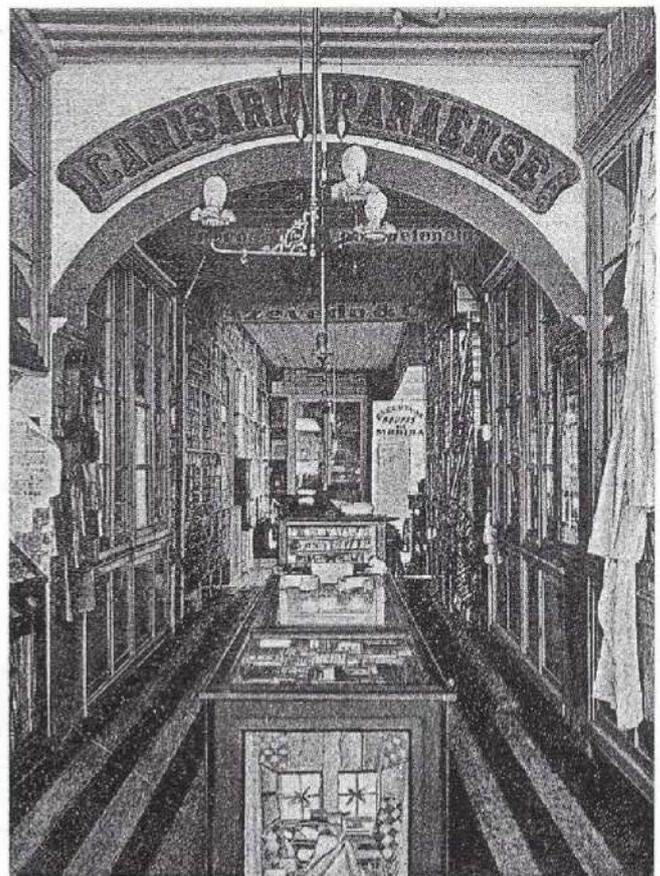
Sereno, serenata, lembra festa, animação, brincadeiras. E era o que não faltava em Belém. E as grandes festas eram comemoradas intensamente. Não se pode deixar de lembrar que a festa do Círio era a mais tradicional e importante, pois envolvia um cenário muito especial e pitoresco. O arraial de Nazaré, as barracas que se localizavam no próprio Largo, como a do Bar Soberano, a de Santo Antônio, a do Grande Hotel, esta localizada bem em frente à barraca principal, que era a Barraca da Santa. E as que ficavam atrás da Igreja, como a Barraca da Quelé, mais simples, mais humilde, muito mais barata, mas igualmente bem feita. Dalcídio lembra a barraca da Quelé e sua localização: *Que fizeste então da tua memória, seu rôl casca-de-queijo? A comadre Quelé? Cansa de armar, coitada, todo santo ano, a barraquinha dela lá em Nazaré, mês da festa, no traseiro do arraial. Do lado esquerdo? De quem entra? Pois nesse correr a barraquinha dela, por nome É Aqui A Quelé, bote idade, o que tem de fazer é passar tinta fresca nas letras da tabuleta, já tudo tão desmaiado.* (Chão dos Lobos -32)

Não importava a localização, o que valia mesmo era participar da festa, do passeio no largo de Nazaré, de ouvir as bandas de música que tocavam alternadamente nos quatro coretos que ficavam em cada um dos cantos do Largo. A banda mais famosa era a da Vigia, e os músicos vinham tocar em Belém, na praça central, na festa de Nazaré, e ainda tínhamos também a banda dos alunos do Lauro Sodré.

Mas não era só isso, pois havia também na praça os freqüentadores da Sociedade do Descanço, que bem lembra Dalcídio em uma de suas cartas: O

dicionário do Círio me leva a pensar nas samaumeiras do arraial. Foram derrubadas? Elas faziam parte do Círio, generosas na praça cobrindo osromeiros. Também faltam os vitrais e devia referir-se à Sociedade do Descanço, provavelmente extinta. (Carta a Maria de Belém - 18/10/72) Essa sociedade (que pertencia à Barraca da Santa) alugava cadeiras de embalo, a pessoas mais idosas, e com certo poder aquisitivo, para que estas pudessem desfrutar do movimento da Basílica, da Barraca da Santa e da própria praça, ou melhor do Largo, sentadas comodamente.

Ao lado das barracas, das músicas, estavam os teatros de revista, muito famosos pelas peças picantes e divertidas. Uma das mais famosas intitulava-se Tacará. Já existia quando Dalcídio ainda era menino, e reaparece em seu romance *Passagem dos Inocentes*, e mais tarde, na correspondência com Maria de Belém: *Tomara que encontrem o texto de "Tacará", a revista que minha mãe e meu pai viram em Belém e da qual falavam na varanda, diante do menino que fui. Devia aparecer um que tivesse paciência e desvelo e contasse a história das revistas da Festa de Nazaré, o que seria uma contribuição para a história do Teatro no Pará.* (Carta a Maria de Belém - 29/10/72)



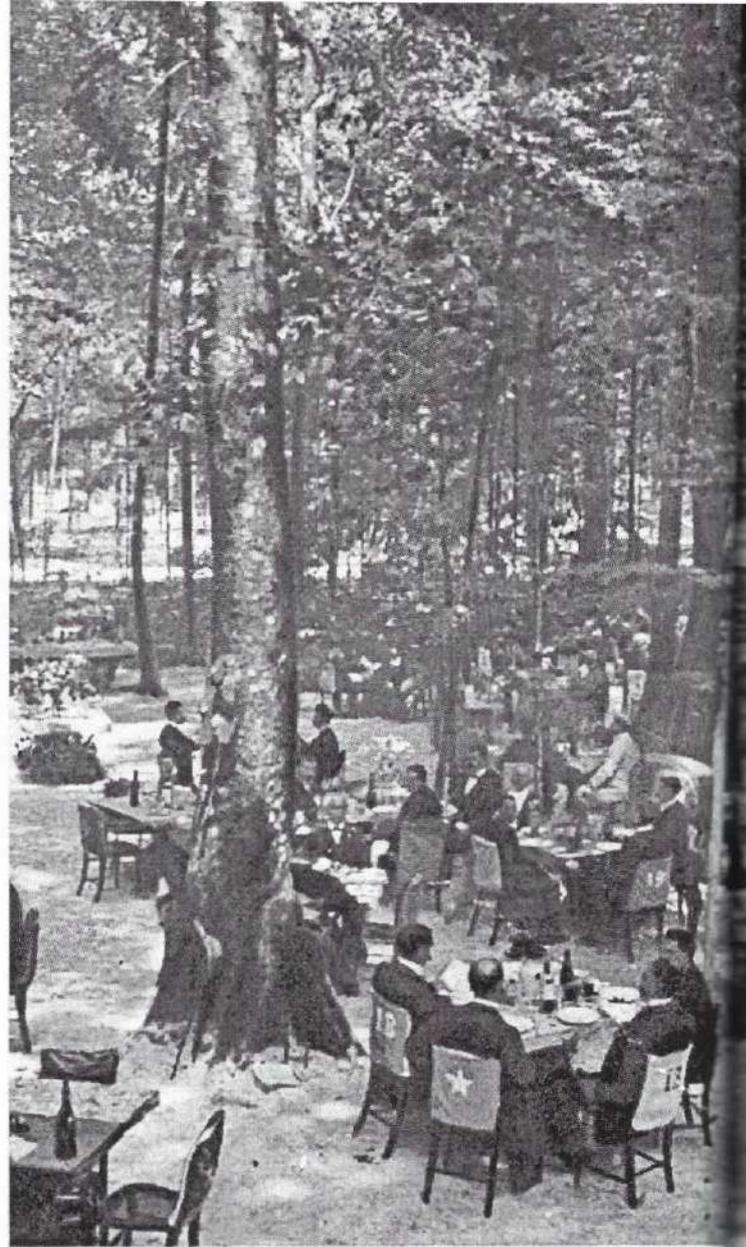
Azevedo & Ca., Pará,
Rua Conselheiro João Alfredo, 97.

Arraial é sinônimo de cavalinho, de Basílica, de novena, de missa das dez, do retrato tirado no Foto Oliveira, em frente à igreja, com a melhor roupa para a festa. Dalcídio recorda o cavalinho no romance *Belém do Grão Pará* e, mais tarde, esse mesmo cavalinho trota com igual intensidade, ou saudade, nas suas cartas-records, como memória que jamais se extingue. *As notícias sobre a festa de Nazaré já me eram conhecidas. O arraial morreu. De heróico e de incorruptível resta o cavalinho onde, em 22, montei já tamanho biguane, montando o que deixara de montar desde pirralho.* (Idem, 10/11/76)

Esse mesmo arraial, esse mesmo cavalinho, como disse há pouco, estão também no romance *Belém do Grão Pará*, e Alfredo é o protagonista dessa recordação. *Via a cidade se preparando, chegavam os primeiros romeiros do Interior. Armavam-se no largo de Nazaré, as diversões do arraial. Alfredo, pela primeira vez, montou num cavalinho.* (Belém do Grão Pará - 269)

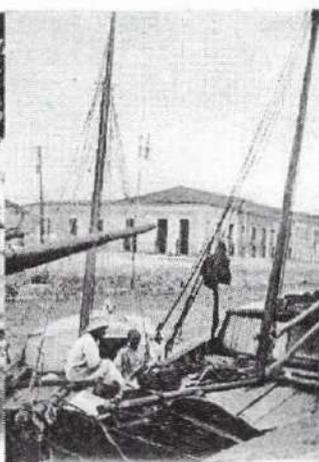
Outro momento de festa na cidade era, como neste mês, o da quadra junina. A cidade se preparava para festas de Santo Antônio, São João, São Pedro e São Marçal. Todos respeitados, todos festejados. Época também dos bois, dos pássaros, da festa jurunense, marcada pela disputa do melhor entre o Boi Canário e o Boi Pai do Campo, rivais na contenda, mas parceiros na tradição. Dalcídio admirava a dança do boi, o ritual de sua preparação. *O São João do Pará me veio no raminho de catinga de mulata e senti, neste úmido frio carioca, o calor dos cheiros, das fogueiras, dos balões de Belém. Ouí o canto do Amo no bol-bumbá.* (Carta a Maria de Belém - 1/7/74)

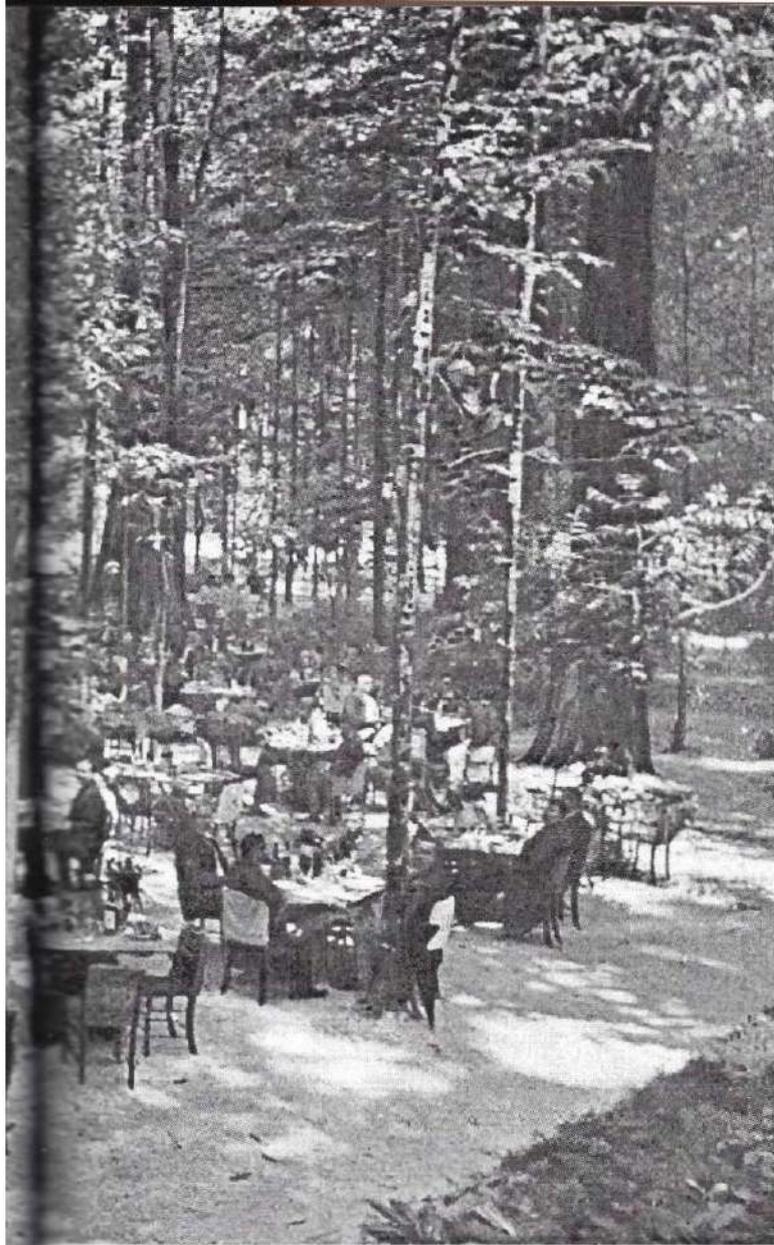
São João lembra banho de cheiro-chelroso, passar fogueira, balões, queima de foguetinhos, tomar tacacá, comer caruru, tapioca, canjiquinha, beber aluá, dançar quadrilha. É fazer adivinhação, lembrar casamento, é festa na roça. Isso, em hipótese alguma, Dalcídio, um afeiçoado aos nossos costumes, às nossas tradições, poderia jamais esquecer, principalmente os preparativos para a festa, como a fogueira de paineiros de São Marçal, em especial porque no Rio de Janeiro as pessoas já quase não se lembravam das festas juninas. *São João não tem mais no Rio. Raro se falar. Um e outro lugar, há um vago rumor junino. Os balões*



sumiram. Espero que isso não se passe com Belém. Me lembro do cheiro e da fogueira na cidade. Segui bois e cordões na noite encantada. Comi maniçoba no arraial. Tive namorada no boi e nos pássaros. Virolei a regra de passar fogueira, passando com as meas fiteiras de compadre, de padrinho. Pecado! (Idem- 17/6/73)

Os balões também não apenas brilhavam em nosso céu, mas igualmente faziam parte de um ritual, pois as pessoas que tinham posses se encontravam em um grande pavilhão que havia no centro do largo





o mais cobiçado. Também cessara o passar da fogueira, espécie de iniciação aos jogos da grande noite junina. - Não se queima lenha nesta noite. Fogueira de São Marçal é feita de paneiro, disse alguém à dianteira de Alfredo e duas pistolas subiram no ar e caíram em lágrimas luminosas. (Três casas e um rio - 122)

Em *Chão dos Lobos*, Dalcídio sintetiza toda a poesia deste momento: *Olha a manhã verde. Verde o chão, na calçada, nos tabuleiros, bancas, alguidares, cuias, morenas, principalmente as mais acesas e faceiras do Jurunas e Marco da Légua, verde, verde as montarias que chegam das outras bandas carregadas de São João. Amanheceu São João em Belém. Depois do banho de cheiro, sortes de madrugada, arrumação das lenhas para a fogueira da noite, Belém põe na cabeça a capelinha de São João. Da feira verde nesta beira d'água sai a cidade repleta de ervas, raízes, grinaldas e folhagens, verde o rio, o cais, as janelas.* (Chão dos Lobos - 191)

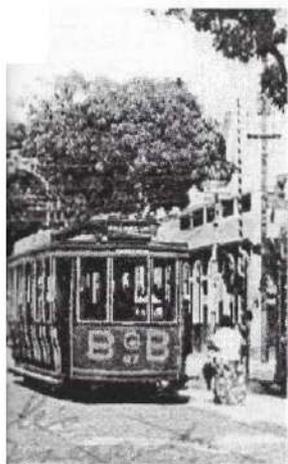
Bastou Maria de Belém tocar na alma de nosso escritor para ele, imediatamente, responder e comentar em suas cartas o que sentia e pensava daquela época. Assim, ao receber uma *catfinga de mulata*, escreveu dizendo que estava revendo o Pará. Mas volta e insiste na festa, no momento: *A feira do cheiro cheiroso também está presente em meu "Chão dos Lobos", volume inédito da série que começa com Chove nos campos de Cachoeira. Quando jovem me deu ela muito espanto e encanto, dela saía aliviado da minha ansiedade, dos meus desenganos e descaminhos. Eu encontrava na feira o paraíso perdido.*

(Carta a Maria de Belém - 2/7/73)

A cidade, contudo, era também os seus monumentos, as suas grandes edificações, os volumes de prédios como os da Fábrica Palmeira, da Caixa d'Água, do Grande Hotel, do Cinema Olímpia e da Chapelaria Pinheiro. Um dia, a Fábrica Palmeira e seus doces arderam, enchendo a paisagem de chamas e de espantos. Era também a cidade dos grandes magazines, como o Paris n'Ámerica, o Bon-Marché. Era ainda a capital dos ingleses, da Port of Pará, da Pará-Electric e do Pará-Club. *Me doeu a fábrica Palmeira. No Chão dos Lobos, ela está lá, Incendiada e vem o São Pedro, de Santana ajudando o povo a apanhar os salvados do incêndio* (Idem, 10/11/76).

de Nazaré, para confeccionarem os balões. Eram papéis coloridos, de seda, que cobriam o chão do pavilhão, e à noite enfeitavam o céu. Todos iam apreciar o balão subir, e gritar - é o meu! é o meu! Não havia, evidentemente, o perigo que há hoje. Não eram tantos fios de luz - a Pará Elétrica era simples; as barracas, em número bem menor.

Acabaram-se as adivinhações, as facas enterradas nas bananeiras, as bacias com velas, a linha na agulha, o tim-tim das alianças para marcar o ano do casamento, para mostrar o príncipe encantado, para reatar o namoro, para ser a mais ou



Quando aquela maior fábrica do norte do Brasil, de doces, pegou fogo à noite, o comandante correu a ver o espetáculo, ali defronte da Igreja de Santana. Os bombeiros não sabiam se combatiam o fogo ou combatiam o povo que iniciava o saque. (Chão dos Lobos - 145)

Outro monumento que tantas recordações trazia a Dalcídio era o Bosque Rodrigues Alves, e os passeios que ele dava lá jamais são esquecidos. Isso fica patente nos livros e nas cartas: *Noventa anos de Bosque! Em "Belém do Grão-Pará falo dele e agora me embrenho na macla treva folharal e espero a lua.* (Carta a Maria de Belém - 29/9/73)

A maneira como Dalcídio, nesse romance, narra e descreve o passeio no Bosque, é de uma viveza que traz a lembrança de tempos "idos e vividos". *Parou intimidado. Longe era a voz de Libânia, trespassada de folhagem, pássaros e rezina, a que se misturavam as vozes de Andreza, estórias de Lucíola, o riso de Clara, a flauta do baile das moças pobres do chalé. Voz de quem chama o mato. Era então aquele o Bosque Rodrigues Alves? Aquela areinha do chão, o coreto, os balanços, aquele pavilhão?* (Belém do Grão Pará - 269)

Para encerrar esta viagem gostosa e nostálgica, dois trechos bem saudosos de uma Belém que, mesmo ao tempo em que vivo ainda estava Dalcídio Jurandir, não mais existia. Essa consciência

da cidade que muda, que morre, que fica à mercê dos urbicidas, Dalcídio Jurandir a teve, e expressou, sofridamente. De certa maneira, escreveu o réquiem a essa Belém, apenas memória: *Por essas tantas coisas, é que Alfredo cada vez mais se encolhia na sua casca de pinto, sem nunca sair dela. Nem sino tinha mais, o sino da Gentil nem o toque da corneta do 26. Adeus calçadas debaixo das mangueiras que desatavam suas sombras pelo melo da rua com os bondes dentro: adeus mão allsando aqueles roxos azulejos dos sobrados da Quintino, adeus botões de campainha macias de apertar, maçanetas de portas, mãos de ferro maciças pesando boas de bater babababá!* (Passagem dos Inocentes - 104-5) E finalmente: *Quanto ao Ver-o-Peso, melhor será guardar no peito o de antigamente, do São Benedito da Praia, do pelxe frito e do menino pé no chão que andou por lá correndo, o menino que fui eu, e ainda em cima do toldo, da verga, proa e popa das velhas da Vigia e de Marajó. Belém sepultase a si mesma, é a outra que sobe, carregada de andares, esmagando o Castelo, a Sé, as mangueiras, a Batista Campos, o Bosque o Largo de Nazaré e os sobrados de azulejos que acariciavam o nosso olhar no sossego da rua bem provinciana.*

(Carta a Maria de Belém - 14 / 7 / 76).

